

EDIÇÃO  
ESPECIAL

ACERVOS BIEV

v. 09 n. 22

# foto *crono* grafias

ACESSE EM  
[MEDIUM.COM/FOTOCRONOGRAFIAS](https://medium.com/fotocronografias)

2023  
E-ISSN 2595-3559

PRODUÇÃO  
BIEV E NAVISUAL

## Editores

Ana Luiza Carvalho da Rocha, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil  
Cornelia Eckert, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil  
Fabricio Barreto, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil — fabriciobarreto@gmail.com  
Felipe da Silva Rodrigues, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil — felipe.editoracao@gmail.com  
Olavo Ramalho Marques - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Campus Litoral Norte, Brasil - olavoramalhomarques@gmail.com

## Comissão Editorial

Camila Braz, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil — caamilabraaz@gmail.com  
Guillermo Gómez, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil — guillermorosagomez@gmail.com  
José Luis Abalos Junior, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil — abalosjunior@gmail.com  
Nicolas Marino Barbieri, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Campus Litoral Norte, Brasil

## Conselho Editorial

Angela de Souza Torresan, University of Manchester, Inglaterra  
Carlos Masotta, UBA, Argentina  
Carmen Sílvia de Moraes Rial, Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil  
Christine Louveau de la Guigneraye, Centre Pierre Neville, Université d'Évry-Val-d'Essonne, Maître de conférences en communication, França  
Daniel Daza Prado, IDES, Argentina  
Daniel S Fernandes, UFPA, Universidade Federal do Pará—Campus Bragança  
Fernando de Tacca, Unicamp, Brasil  
Flávio Leonel da Silveira, Universidade Federal do Pará, Brasil  
Gisela Canepá Koch, Departamento de Ciencias Sociales de la Pontificia Universidad Católica del Perú, Perú  
Jesus Marmanillo, Universidade Federal do Maranhão, Brasil  
João Braga de Mendonça, Universidade Federal da Paraíba, Brasil  
Luciano Magnus de Araújo, Universidade Federal do Amapá, Brasil  
Luiz Eduardo Achutti, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil  
Milton Guran  
Paula Guerra, Universidade do Porto, Portugal  
Renato Athias, Universidade Federal de Pernambuco, Brasil  
Rumi Kubo, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil  
Sarah Pink Instituto Real de Tecnologia de Melbourne, Austrália  
Sylvaine Conord, Université Nanterre, França

www.ufrgs.br/biev/  
medium.com/fotocronografias  
fotocronografia@gmail.com  
+55 (51) 3308 6647

## Organização

Ana Luiza Carvalho da Rocha(UFRGS);  
Felipe da Silva Rodrigues (PROPUR/UFRGS)

## Fotos da Capa e Contracapa

Anelise dos Santos Guterres e Rafael Victorino Devos

## Diagramação e Editoração

Felipe da Silva Rodrigues (PROPUR/UFRGS)

# foto *crono* grafias

ACERVOS BIEV

3ª EDIÇÃO ESPECIAL



# Sumário

## v.09 n.22

ACERVOS BIEV  
EDIÇÃO ESPECIAL

**Acervos BIEV** 7  
Ana Luiza Carvalho da Rocha  
Felipe da Silva Rodrigues

**Romaria das Águas** 12  
Ana Luiza Carvalho da Rocha

**Segredo Farroupilha:  
um roteiro de imagens** 22  
Alfredo Barros, Lilian S. Guterres

**Dos territórios da memória às vivências  
do espaço, sambistas e outros antigos  
carnavalescos da cidade** 36  
Josiane Abrunhosa da Silva

**Imperadores do Samba, fragmentos  
do ciclo carnavalesco** 50  
Liliane Stanisçuaski Guterres

**Bar Odeon** 64  
Caué Machado, Juliana Brizola,  
Laura Rosa e Priscila Farfan Barroso

### TRABALHO



**Fazer a feira — das artes de dizer às artes  
de nutrir, estudo etnográfico das práticas  
cotidianas de feirantes e fregueses da  
Feira Livre da EPATUR no contexto da  
paisagem urban de Porto Alegre** 134  
Viviane Vedana

**Estátua Viva** 148  
Neiva Rosa Garcia

**Arte fazer, arte de narrar:  
Uma etnografia da pintura de  
paisagem em Porto Alegre.** 160  
Thais Cunegatto

### ITINERÁRIOS URBANOS



**Habitantes do Arroio** 82  
Ana Luiza Carvalho da Rocha

**Arte e criação artística em contexto urbano:  
um estudo de caso de política pública em  
Porto Alegre(RS, Brasil)** 94  
Felipe da Silva Rodrigues

**No ônibus,  
uma pequena história** 106  
Rafael Victorino Devos

**Rua da Praia** 118  
Patrícia Rodolpho

### RITMOS TEMPORAIS

**Tradição do Bará do Mercado** 178  
Anelise dos Santos Guterres

**Vó Santa** 194  
Felipe Stela

**Cine Baltimore** 204

**Ruínas do Trabalho** 216  
Bianca Brochier

### CRISE



**Vila dos Papeleiros** 230  
Cornelia Eckert

**“A praça é nossa?”** 244  
Adriane Luisa Rodolpho,  
Fernanda Chemale, Rossana Prado

**Uma “ilha assombrada” na cidade** 262  
Rafael Victorino Devos





TRABALHO

RITMOS TEMPORAIS



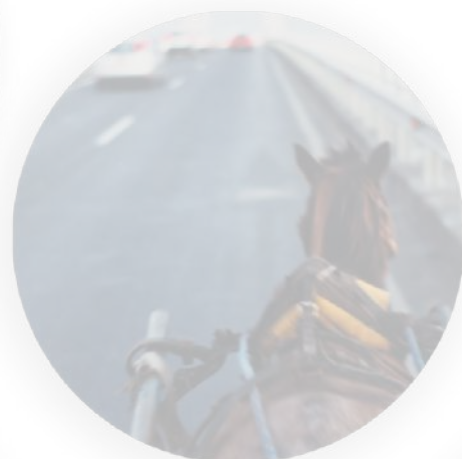
PATRIMÔNIO



FORMAS DE SOCIABILIDADE



CONDIÇÕES DE VIDA



RUÍNA



CRISE



REPRESENTAÇÕES SOCIAIS



ARTE URBANA



ESTILO DE VIDA



2023

v.09 n.22

Acervos BIEV

**Ana Luiza Carvalho da Rocha<sup>1</sup>**

miriabilis@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0002-2294-5932><http://lattes.cnpq.br/5633849867865936>**Felipe da Silva Rodrigues<sup>2</sup>**

felipe.editoracao@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0003-3646-7641><https://lattes.cnpq.br/8171419229468738>

1 - Professora do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social (PPGAS/UFRGS). Profa Visitante Depto de Antropologia na Universidade da Georgia/UGA. Participa dos Núcleos Antropologia Visual (Navisual/UFRGS), do Núcleo de Pesquisa em Culturas Contemporâneas (NUPECS) e do Banco de Imagens e Efeitos Visuais (BIEV/UFRGS).

2 - Mestre em Planejamento e Regional da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PROPUR/UFRGS), Bacharel em Comunicação Social (PUCRS). Pesquisador do Grupo de Estudos e Documentação em Urbanismo (PROPUR/GEDURB) e do Banco de Imagens e Efeitos Visuais (PPGAS/BIEV).

A 3ª edição especial da Revista Fotocronografias traz coleções de ensaios fotográficos que foram realizados ao longo dos mais de 25 anos de pesquisa do Banco de Imagens e Efeitos Visuais (BIEV/UFRGS), alguns em parceria com o Núcleo de Antropologia Visual/NAVISUAL, ambos pertencentes ao Laboratório de Antropologia Social/ do Programa de Pós-graduação em Antropologia Social/UFRGS.

Para apresentar ao público leitor desta edição um processo organizacional se fez necessário, em consonância com um dos princípios do BIEV, o de publicizar e difundir as pesquisas antropológicas. Ao invés apresentar cada ensaio fotográfico isoladamente adotamos a perspectiva bachelardiana de que nunca uma imagem esta sozinha uma vez que em torno dela outras tantas gravitam. Assim, inspirados nas contribuições do método de convergência durandiano, iniciamos a organização desta 3ª edição especial do Fotocronografias inicialmente localizamos o lugar que cada um dos ensaios ocupa nos arquivos e nas fontes documentais das pesquisas do BIEV ao longo de décadas, para logo após, e em conformidade com o tesouro bieviano, agrupa-los na modalidade de coleções etnográficas. Coleções de fotografias que, como verá o leitor, gravitam em torno de certos núcleos de sentido (classificados segundo certas categoria e palavras-chave) por meio dos quais as produções visuais de cada um dos autores dialogam entre si.



Essa organização obedece ao nosso compromisso em manter a pluralidade de sentidos dos ensaios fotográficos aqui expostos não apenas em referência ao espaço e tempo onde elas foram obtidas (nomes, lugares, datas, acontecimentos), mas aos núcleos de significações para os quais convergem. Assim, buscando a unicidade em meio a diversidade de expressões dos acervos das produções fotográficas de nossas pesquisas, dirigimos nossos esforços editoriais na busca de reinterpretar para os nossos leitores os enquadramentos de suas narrativas expográficas de origem.

Foi, portanto, através da interpretação do estruturalismo figurativo proposto por Gilbert Durand em sua obra *As estruturas antropológicas do Imaginário* que buscamos certas regularidades de formas e conteúdos para apresentar tais ensaios fotográficos pressupondo a existência de uma unicidade de experiências destes etnógrafos com o fenômeno da vida vivida nos grandes centros urbanos das nossas modernas sociedades complexas. Desta forma a exploração das imagens contidas nesta edição e suas relações entre si abrem diversas possibilidades de leituras sobre a vida urbana.

Nossa proposta de aplicação da metodologia durandiana para esta edição da Revista *Fotocronografias* significou, portanto, o desafio de uma releitura dos ensaios fotográficos a partir de fontes diversas de acesso a elas e as constelações de sentido que as unem entre si, para além de suas exibição de origem. Neste processo de leitura dos ensaios fotográficos resultam “redundâncias simbólicas”, no plano das estruturas do imaginário, de acordo o arsenal de símbolos isomórficos e irredutíveis que eles criam entre si.

Acreditamos que com essa apresentação o leitor compreenda o contexto da escolha de tais procedimentos para a apresentação desta 3ª edição da revista *Fotocronografias* dedicada a divulgação do acervo e arquivos de pesquisas produzidas com e através de imagens desse a fundação do Biev, em 1997. Um acervo que esta sendo disponibilizado na plataforma TAINACAN[1] através do site: <https://www.ufrgs.br/biev/>.

Esperamos que eles possam inspirar futuros estudos antropológicos sobre as formas de vida social que transcorrem nas nossas grandes metrópoles contemporâneas.

Neste número especial optamos por selecionar e organizar os ensaios a modo de figurar o método de convergência. Explicitar no sumário os núcleos e as convergências entre os ensaios, de autores e datas distintas, no interior da própria edição. A longo dos 21 números publicados até aqui, a montagem da edição acaba sempre sendo um processo no qual é possível, ao encadear a ordem os artigos, confrontar ou corroborar as perspectivas das pesquisas dentro do campo temático do dossiê. Deste modo, guiando o leitor pela edição. No número especial fez-se o desafio de extrapolar o ordenamento, a fim de propiciar a convergência, entre os ensaios, e assim possibilitar novos sentidos para a leitura desta edição.

1. Um software livre pelo Laboratório de Inteligência de Redes da Universidade de Brasília, com apoio da Universidade Federal de Goiás, Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia e do Instituto Brasileiro de Museus. E serve para a criação e gestão de acervos digitais. <https://tainacan.org/>

Os ensaios dessa edição foram arranjados nos seguintes núcleos de sentido:

**Formas de Sociabilidades:** Romaria das águas; Segredo Farroupilha: um roteiro de imagens; Dos territórios da memória às vivências do espaço, sambistas e outros antigos carnavalescos da cidade; Imperadores do Samba, fragmentos do ciclo carnavalesco; Bar Odeon.

**Itinerários Urbanos:** Habitantes do Arroio; Arte e criação artística em contexto urbano: um estudo de caso de política pública em Porto Alegre (RS, Brasil); No ônibus, uma pequena história; Rua da Praia.

**Trabalho:** Estátua Viva; Arte fazer, arte de narrar: Uma etnografia da pintura de paisagem em Porto Alegre; Fazer a feira — das artes de dizer às artes de nutrir, estudo etnográfico das práticas cotidianas de feirantes e fregueses da Feira Livre da EPATUR no contexto da paisagem urbana de Porto Alegre.

**Ritmos Temporais:** Tradição do Bará do Mercado, Vó Santa, Cine Baltimore, Ruínas do trabalho.

**Crise:** Vila dos Papeleiros; “A praça é nossa?”; Uma “ilha assombrada” na cidade.

## Referências

BACHELARD, G. *A Poética do Espaço*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

CERTEAU, M. *A Invenção do Cotidiano*. 3. ed. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 1998.

DURAND, G. *As estruturas antropológicas do imaginário: introdução à arquetipologia geral*. 4a ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2012.

ECKERT, C.; ROCHA, A. L. C. . *A preeminência da imagem e do imaginário nos jogos da memória coletiva em coleções etnográficas*. 1. ed. Brasília: ABA, 2015.

ECKERT, C.; ROCHA, A. L. C. . *Etnografia da Duração: antropologias das memórias coletivas nas coleções etnográficas*. 1. ed. Porto Alegre: Marcavizual, 2013.





## Formas de Sociabilidade

Segundo Simmel toda as relações humanas produzem, em seus aspectos banais e cotidianos, formas de trocas sociais. Todo o ato de socialização comporta, portanto, uma forma que pode se realizar sob diversas modalidades oficiais, tendo por base certas interações entre indivíduos.

# Romaria das Águas

**Ano:** 2011

**Categoria:** Formas de Sociabilidades

**Palavra-chave:** Espiritualidade

**Ana Luiza Carvalho da Rocha**

**Resumo:** Ensaios fotográficos que compõem a pesquisa das crônicas videográficas da Coleção Romaria das Águas, realizada em 12 de outubro de 2003, em Porto Alegre, que tratam dos diferentes pontos de vista da relação dos habitantes de Porto Alegre com as águas do Lago Guaíba. Para a realização da pesquisa foram escolhidos três pontos de vistas: o ponto de vista de um morador das ilhas, do seu deslocamento por água com os romeiro; da procissão por água, acompanha-se a romaria junto à pescadores, barqueiros, moradores das ilhas de Porto Alegre; e em terra, acompanhando-se outras manifestações, como umbandistas fazendo oferendas à beira d'água. Realização do Banco de Imagens e Efeitos Visuais (BIEV — Laboratório de Antropologia Social — UFRGS) e da ONG Instituto Anthropos. 2003.



















# Segredo Farroupilha: um roteiro de imagens

**Ano:** 1997

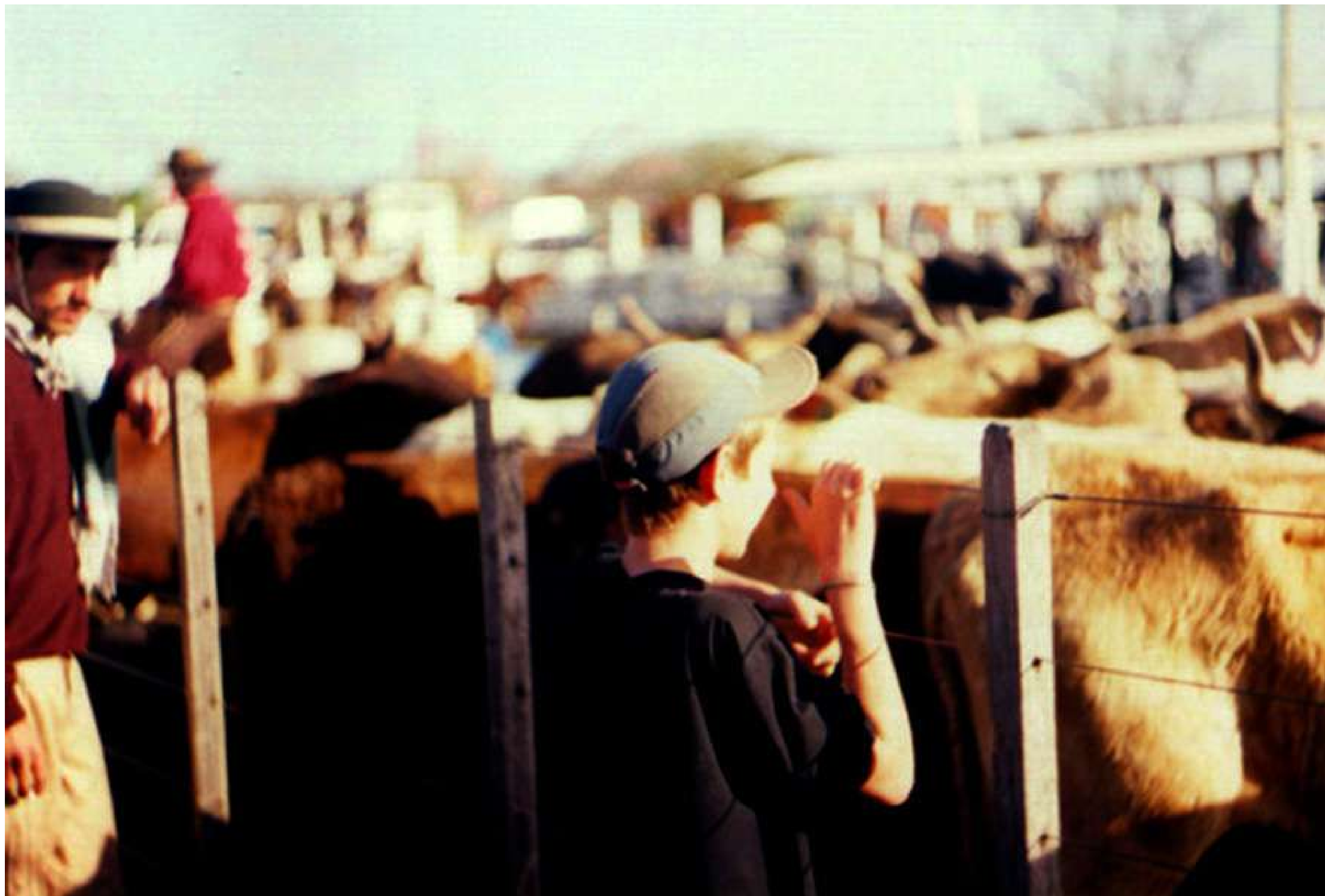
**Categoria:** Formas de Sociabilidades

**Palavra-chave:** Tradição

**Alfredo Barros, Lilian S. Guterres**

**Resumo:** Fotoetnografias realizadas por dois pesquisadores do Núcleo de Antropologia Visual/NAVISUAL, do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, que retrata o cotidiano do Assentamento Segredo Farroupilha, na cidade de Encruzilhada do Sul. A produção visual resultou na participação dos pesquisadores do Navisual junto a equipe do Projeto História da Mulher, do Departamento de Antropologia e Departamento de Desenvolvimento Social realizado, na época, pela Pró-Reitoria de Extensão da UFRGS.



























# Dos territórios da memória às vivências do espaço, sambistas e outros antigos carnavalescos da cidade

**Ano:** 1993

**Categoria:** Formas de Sociabilidades

**Palavra-chave:** Laços Geracionais

**Josiane Abrunhosa da Silva**

**Resumo:** Este ensaio é o fruto de uma breve reflexão sobre os fragmentos fotográficos de uma pesquisa etnográfica realizada na Escola de Samba Bambas da Orgia, juntamente com depoimentos de antigos carnavalescos de rua e que resultou na dissertação “Bambas da Orgia: um estudo sobre o carnaval de rua de Porto Alegre, seus carnavalescos e os territórios negros”).

Este estudo discute o estabelecimento de fronteiras culturais no interior da cidade, focalizando as práticas sociais dos bambistas e os referenciais coletivos que estão relacionados com a cultura dos carnavalescos de rua, especialmente os que se referem a delimitação e vivência de um mesmo espaço ou território.

Entres as diversas abordagens sobre o tema priorizei centralizar a atenção nos sujeitos que organizamos carnaval de rua e não na ritualidade do evento. A partir da observação etnográfica e dos depoimentos dos carnavalescos mais antigos, ressalto aspectos relativos a memória coletiva do grupo e a vivência de um espaço comum, buscando mapear as referências e as representações que organizam e definem um território particular do passado e do presente, que aqui são percebidos como territórios negros da cidade de Porto Alegre.

Participar das festas organizadas pela escola, dos ensaios e, também, do carnaval de rua, para os bambistas, inclui conhecer e participar do ethos do grupo, especialmente porque muitos dos componentes socializam seus filhos nas festas. Através desta, se integram no mundo do samba, daqueles que sabem sambar, pois o outro para os bambistas é também representado por aquele que não sabe sambar.

A continuidade da escola, ou da família azul e branco, no dizer dos bambistas, está relacionada às crianças que desde pequenas acompanham os pais nas atividades que a escola organiza, o que é uma prática frequente.

Vinha, então, pelo costado do rio até chegar na ponte de pedra. Quando chegamos lá,



tava o pessoal esperando e os clarins tocavam. Então pegávamos a João Alfredo até a Baronesa, aquela loucura. Dai chegava a hora da cerimonia que eu tinha que dar o discurso, assinar o decreto, abrir o carnaval: Povo do meu reinado, é com divino sacrifício que venho lá das bandas da Etiópia! Mas tenho imenso prazer em estar com vocês, e da mesma forma, enfrentando problemas e outras coisas... E eu, meu querido povo, não tenho muitas coisas a oferecer! Aqui vai o meu decreto: que durante estes três dias eu assumo a responsabilidade. Se tiverem conta pra pagar, não paguem, isto é, por minha conta. Podem comer, beber, dançar, se divertir, tudo é por minha conta. Aqui encerro já que não tenho pétalas de rosas para vocês. Daí palmas e pá, pá, Pá! Tava aberto o carnaval da Baronesa.

(Lelé, o Rei Momo Preto do Areal da Baronesa)

Adão Alves de Oliveira, 69 anos e a abertura do carnaval da Baronesa

Nas falas que anotamos pode-se perceber referência a algumas noções que indicam o pertencimento a um grupo comum, que podem passar despercebidas para quem não faz parte da Escola e não integra esse universo. Destacam-se: “ser de religião”, “ser pedetista” e “pertencer a uma grande família ou melhor, a família azul e branco.

Nas fotos que tirei da Escola no desfile de 1991, encontra Dona Sueli segurando pela mão sua neta que esta vestida de baianinha.

Dona Sueli, uma das baianas mais antigas, contou-me que apesar de seus 69 anos, amanhcia na Escola e geralmente levava as crianças. Muitos de seus netos se criaram, portanto, na Escola e a maioria, atualmente, participa do carnaval.

O areal da Baronesa pode ser considerado, pelo menos até a década de 40, como um dos territórios negros que cidade comportou no passado. O carnaval organizado pelos seus moradores é, particularmente, significativo, pois não só representou um espaço importante de afirmação da etnicidade dos descendentes de africanos da cidade, como por ter se transformado em um referencial constante no qual as lembranças dos antigos carnavalescos vão esta articuladas.

O final do carnaval do Areal da Baronesa coincide com o período em que, paralelamente, o bairro foi um dos alvos de inúmeras medidas urbanísticas que passaram a ser implementadas pelo poder publico, ao longo da década de 40 e 50, e que redefiniram sua feição.

No entanto, a arquitetura do bairro mostra que as continuidades simbólicas com o passado, e estão também articuladas com o presente, seja na Travessa dos Venezianos, ou no trajeto sinuoso da antiga rua da Margem que margeava o riachinho e por onde desfilavam os blocos e grupos, e fazem parte da memória dos antigos carnavalescos de rua.

O areal da Baronesa era uma extensa área que ficava a margem esquerda do riachinho e que correspondia, em grande parte, a antiga chácara que foi propriedade do Barão e da Baronesa do Gravataí, local que posteriormente vem a fazer parte do bairro Cidade Baixa.

No século XIX, entre os primeiros moradores do Areal, estavam os negros alforriados da senzala do Barão e da Baronesa do Gravataí e negros que deixaram de ter residência fixa e migraram para as áreas próximas da região central da cidade, como o Areal da Baronesa.

Na rua Baronesa do Gravataí, local onde era celebrado o carnaval do Areal da Baronesa, meu olhar, através da câmera, registra o que restou da frente de uma pequena casa de porta e janela, que não tem mais compridos corredores, e o efeito destruído da patrola que segue continuamente, destruindo mais uma das imagens do passado do bairro.





BAMBAS DA ORGIA



















# Imperadores do Samba, fragmentos do ciclo carnavalesco

**Ano:** 1994–1995

**Categoria:** Formas de Sociabilidades

**Palavra-chave:** Etnia

**Liliane Stanisçuaski Guterres**

**Resumo:** As interações geradas através da Escola de Samba produzem significado, delimitam espaços, propiciando a expressão simbólica de suas identidades e de seus conflitos. A identidade de grupo é concebida a partir das relações vivenciadas, dos afastamentos e das aproximações, conformando as regras de pertencimento ou não a esta Comunidade Imperador!

*Mostra fotográfica “Imperadores do Samba, fragmentos do ciclo carnavalesco”, inaugurada na Galeria Olho NU, do Núcleo de Antropologia Visual/Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, constituindo parte da defesa da dissertação de Mestrado “Sou Imperador até morrer..., um estudo sobre Identidade, Tempo e Sociabilidade em uma Escola de Samba de Porto Alegre, de Liliane Stanisçuaski Guterres, sob a orientação da Profa. Dra. Cornelia Eckert do Programa de Pós-graduação em Antropologia Social/UFRGS. As fotografias foram realizadas durante dois ciclos rituais, no “carnaval do Gandhi” (1994) e no “carnaval do Monteiro Lobato” (1995).*

Bateria, rodas de samba, pagodes e churrascos, espaços de forte interação masculina. Nos ensaios e no desfile é maior a participação feminina.

“Ser Imperador é gostar, é amar, é ser... aquilo ali faz parte de ti mesmo... o Imperador é isso... sinônimo de nós mesmos” (Beto, presidente de Escola)

“A gente tem um núcleo, uma união.”(Brinco, ritmista)

Espaços de sociabilidade... Nos encontros cotidianos revivem lembranças dos carnavais passados reconstruindo sua trajetória individual e coletiva a partir destes referenciais.

“É uma hora emocionantes, a gente esquece de tudo, só quer saber de passar na avenida com o Imperador, a gente fica todo arrepiado, como eu tô aqui, agora, que já me arrepiei todo...”(Baiano, fundador da Escola)

“A bateria bebe prá caramba, de vez em quando a gente dá um pé quente e pinta umas namoradinhas”(Sandro, ritmista)

Bandeiras e estandartes, Mestre Sala e Porta Bandeira, Mestre da Bateria, passistas e baianos. A escola de Samba, seus símbolos e personagens.

“É quase tão bom ou melhor os ensaios do que o dia do desfile... por causa da descontração, né?... é coisa muito boa”. (D. Irene, destaque da Escola)

“Se não tem bateria, não tem escola de samba. A real é essa..”(Brinco ritmista)

As festas populares são formas de expressão de um povo, de um grupo social, comunicam sobre seu modo de vida, suas formas de pensar, suas tradições e desejos imanente.

“Aqui todo mundo volta de sapato. Igual no final da festa: marrom!” (componente da Escola)



A preparação de um desfile exige do Imperadores do Samba quase um ano de trabalho, muito investimento e organização empresarial.

“... 90% dos shows durante o ano é com aquele espírito ali, vamos levar a imagem, mostrar a bandeira dos Imperadores, mostrar o trabalho da bateria... tem que estar sempre vendendo a imagem, que nos permite ficar sem conhecidos, sempre...” (Mediana, puxador do samba-enredo)

A fotografia abre a possibilidade de maior interação e comunicação entre o pesquisador e grupo pesquisado.

O ensaio aqui na quadra é um preparativo para o carnaval, a gente té condicionando o público para vir, permanecer na quadra, até o público pegar o pique, pegar o costume...”( Turco, vice presidente do carnaval)

Performatizado tradicionalmente pelos negros nas ruas da cidade desde o final do século passado, o carnaval de Porto Alegre é hoje comemorado, principalmente, nos desfiles das Escolas de Samba

“Primordial é regatar a autoestima do negro, tem que gostar da cultura negra, eu tenho que me sentir um super-homem na hora que estiver dando um giro em torno de uma bandeira, dando um passo, e que as outras pessoas negras me veja, como um ídolo... nós precisamos de ídolos negros, e é só através da escola de samba, eu não vejo em outros termos”. (Beto, presidente da Escola)























# Bar Odeon

**Ano:** 2008

**Categoria:** Formas de Sociabilidades

**Palavra-chave:** Boemia

**Caué Machado, Juliana Brizola, Laura Rosa e Priscila Farfan Barroso**

**Resumo:** Ensaio construindo a partir de três meses de pesquisa etnográfica no bar Odeon, na área central da cidade de Porto Alegre/RS, e que se apresenta sob o olhar da Antropologia Visual e da imagem, através de narrativas de coleções fotográficas.

Tom, o garçom: “Trabalhar no Odeon... é outra coisa! A música! É muito bom!”

Distribuindo sorrisos e servindo as mesas conhecemos Tom, que parece conquistar a intimidade de todos com sua simpatia e seu sorriso sempre aberto. Este é o seu modo de atender. Ao servir chopes, preparar caipirinhas e outros drinks, a impressão que passa é de diversão. Quase todos que adentram o bar são seus conhecidos e os que não são ele recebe como se fossem. O ar maroto e jovial revela o primeiro de seus talentos, o de deixar as pessoas à vontade.

Com seus comentários jocosos vai tecendo amizades com o grupo no decorrer da pesquisa, que acaba por revelar outras facetas de sua vida. A entrada no bar Odeon, por causa de sua sogra Dionara, a pianista que toca no bar às quintas-feiras; a banda de pagode da qual fez parte e o bar que já teve, onde atendia também. Assim, na sua folia, parece que a música o levou ao Odeon, e é ela o que mais gosta no bar. Embora Tom tenha esse ar descontraído, aos poucos vamos percebendo sua seriedade ao servir. A atenção dispensada a cada cliente e a expressão sisuda demonstram comprometimento e responsabilidade ao atender os fregueses. Entre sorrisos e franzidos encontramos Tom, garçom do bar Odeon.

*(extrato diário de campo Priscila Farfan Barroso, Grupo de Trabalho de Etnografias sonoras, compõe parte do registro da publicação O livro do Etnógrafo, Banco de Imagens e Efeitos Visuais/Biev).*









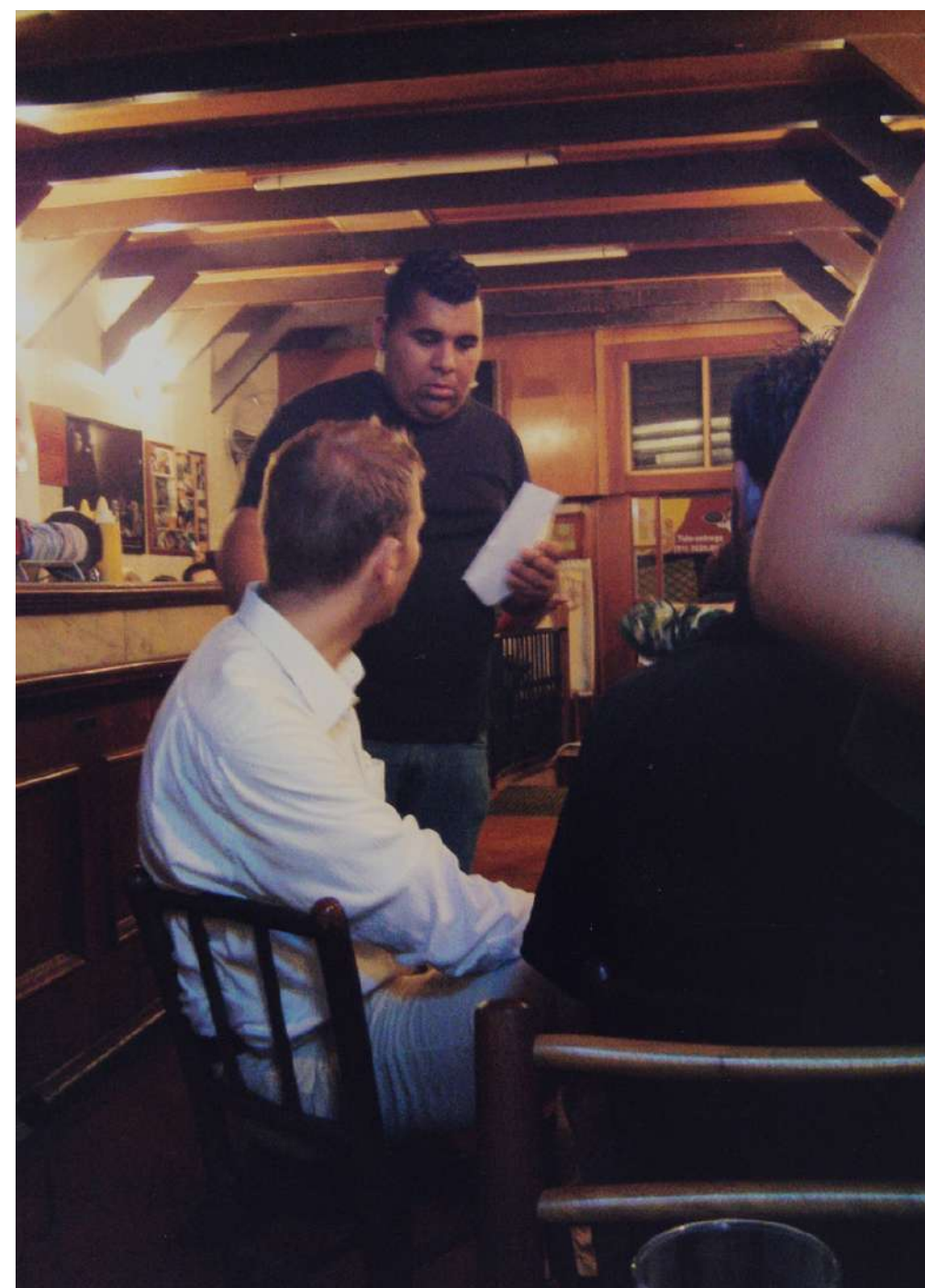




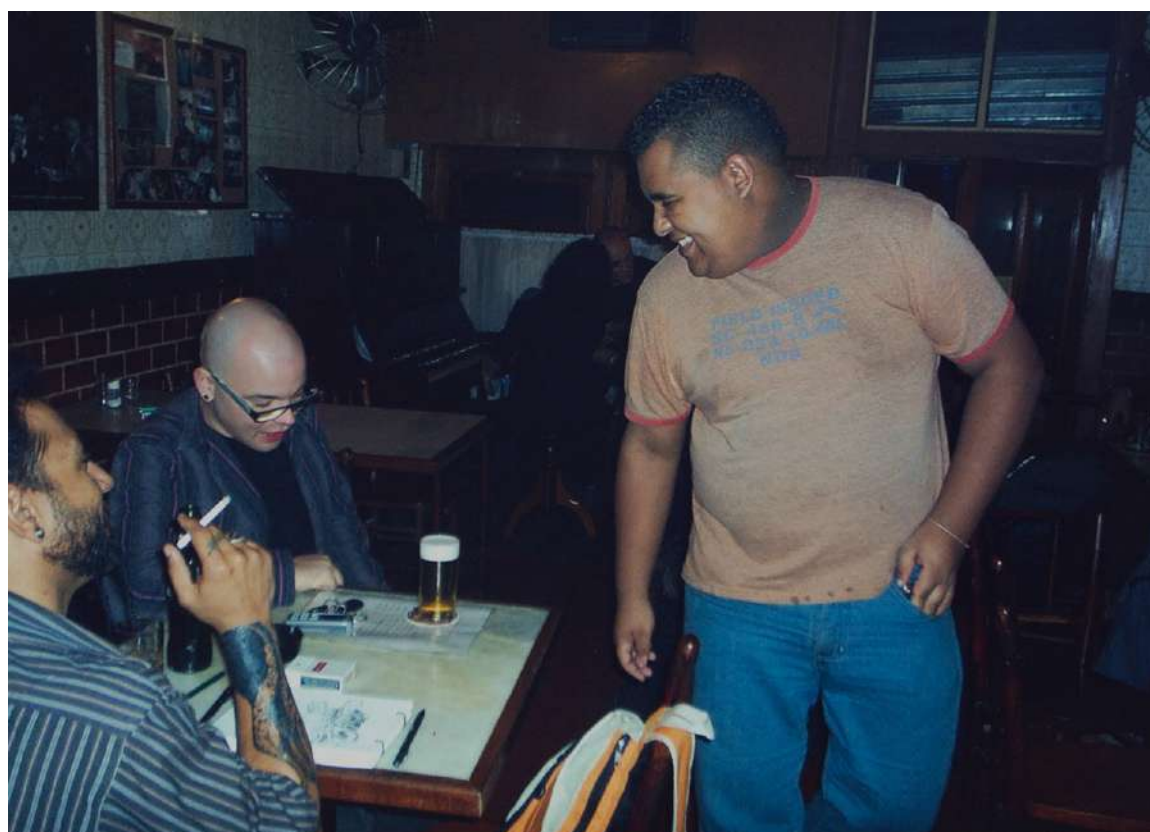




















## Itinerários Urbanos

Expressão cunhada no sentido dos comentários de Georg Simmel a propósito da vida social, isto é, “a vida engloba em um só ato a limitação e o deslocamento do limite” Sob este ponto de vista a expressão refere-se ao estudo das intrigas e dos dramas que configuram o teatro da vida citadina, apreendidos como uma espécie de mapeamento simbólico do movimento das formas da experiência humana no mundo contemporâneo. O fenômeno urbano é aqui representado como o produto da ação recíproca de indivíduos e de grupos no plano de trocas sociais, do processo de territorialização/desterritorialização de identidades sociais e da descontinuidade/continuidade sistêmica de valores por elas acionados assim como das redes sociais que situam os sujeitos segundo suas trajetórias, posições e papéis no mundo contemporâneo.



# Habitantes do Arroio

**Ano:** 2009–2012

**Categoria:** Itinerários Urbanos

**Palavra-chave:** Águas Urbas

**Ana Luiza Carvalho da Rocha**

**Projeto de pesquisa:** <https://habitantesdoarroio.blogspot.com/2012/11/portal-memoria-ambiental-de-porto-alegre.html>

**Equipe:** Luna Carvalho, Renata do Amaral Ribeiro, Rafael Devos

**Resumo:** Ensaios fotográficos que apresentam a paisagem hídrica que conforma alguns dos territórios da micro bacia do Arroio Dilúvio. As fotografias compõem o acervo do Projeto Habitantes do arroio formado pelos pesquisadores que realizaram, ao longo de mais de dois anos, uma etnografia audiovisual dos conflitos de usos das águas do Arroio Dilúvio, das suas nascentes (em Viamão) até sua foz, no Lago Guaíba, na cidade Porto Alegre, capital do Rio Grande do Sul. O Projeto financiado pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), sendo executado pelo grupo de pesquisa Banco de Imagens e Efeitos Visuais (BIEV — Laboratório de Antropologia Social — UFRGS) e pela ONG InstitutoAnthropos, com o apoio da Secretaria de Meio Ambiente do Estado do Rio Grande do Sul (SEMA-RS). Coordenação Ana Luiza Carvalho da Rocha. 2008.





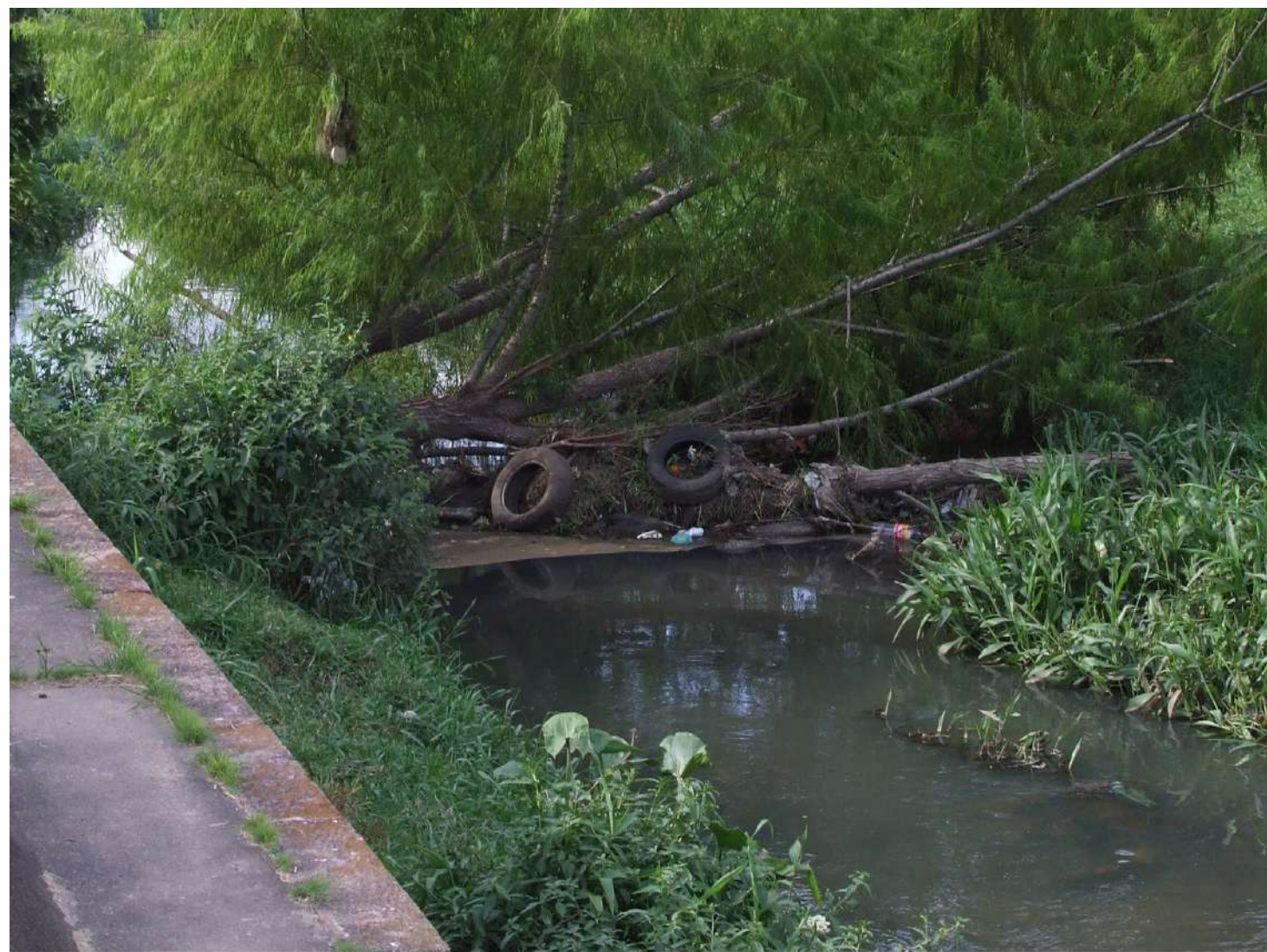


















# Arte e criação artística em contexto urbano: um estudo de caso de política pública em Porto Alegre (RS, Brasil)

**Ano:** 2017

**Categoria:** Itinerários Urbanos

**Palavra-chave:** Arte Urbana

**Felipe da Silva Rodrigues**

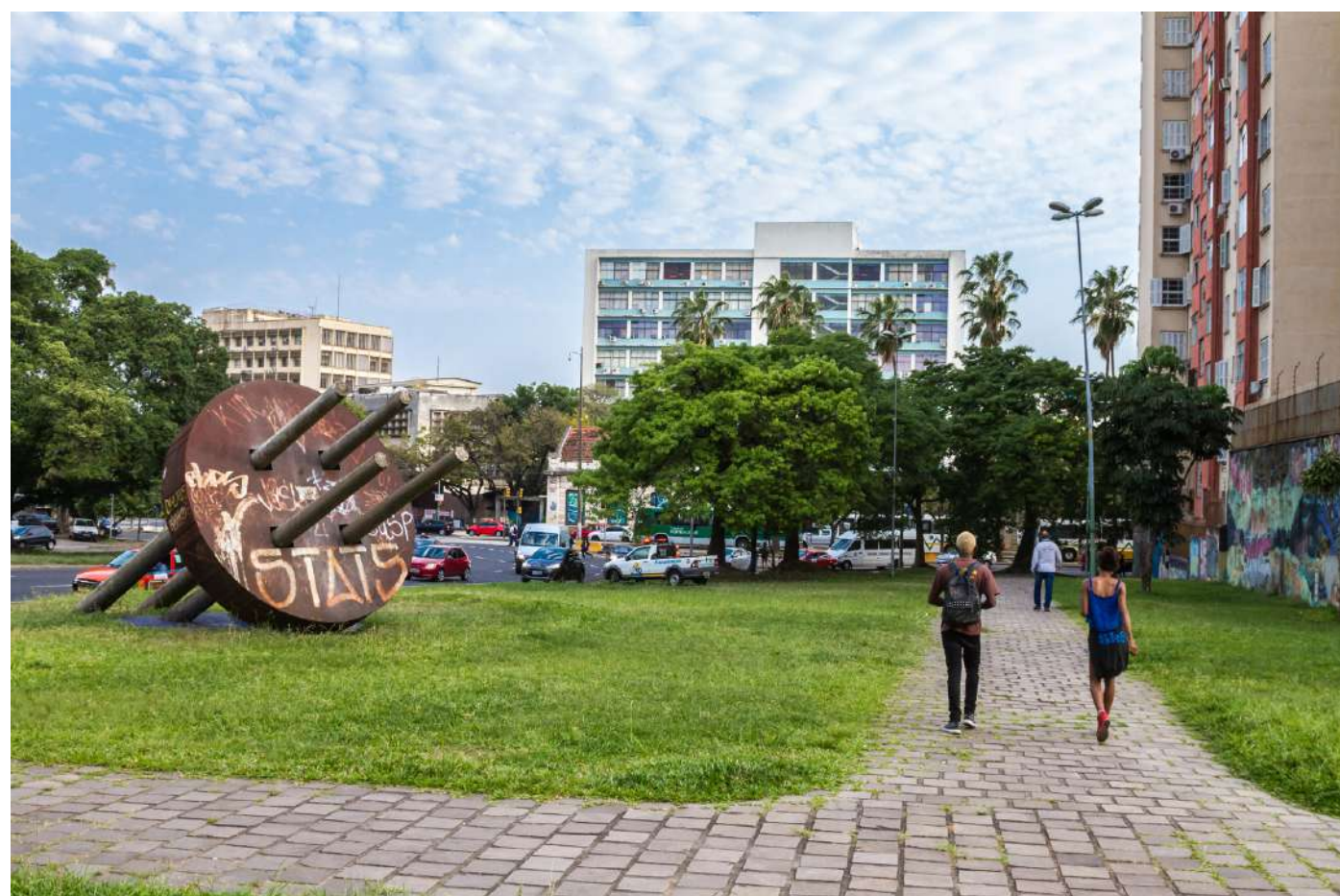
Ensaio com as imagens que acompanham o artigo publicado originalmente em 2017: <https://doi.org/10.4013/csu.2017.53.3.02>

Em Porto Alegre, a produção da arte pública tem sido, desde 1991, objeto de preocupação específica da Coordenação de Artes Plásticas da Secretaria Municipal da Cultura, que instituiu o concurso Espaço Urbano & Espaço Arte, projeto que acabou influenciando diretamente uma série de políticas culturais, a se destacar a atuação de uma de suas coordenadoras, que relata sua experiência com as origens do concurso e seus desdobramentos como política pública. Trata-se de um ensaio reflexivo sobre o lugar da arte pública no espaço urbano contemporâneo.





















Viaduto Eng.  
Ildo Meneghetti

ÔNIBUS

SEIDENTUR  
1003



# No ônibus, uma pequena história

**Ano:** 2001

**Categoria:** Itinerários Urbanos

**Palavra-chave:** Pobreza

**Rafael Victorino Devos**

**Resumo:** Nesse trecho do diário, Rafael viaja por tempos diferentes enquanto faz o trajeto de ônibus, observando algumas situações que não estão no local de seu campo, mas no deslocamento até ele.

Tudo isso na minha cabeça me fazia pensar que minha etnografia vai ser bem mais intensa do que tomar cafezinho com as velinhas. Mas as vovós tem muito a me dizer, e foi isso que fui fazer hoje. No ônibus, uma pequena história. Peguei o São Francisco, ônibus mais caro, intermunicipal. O bus não estava cheio, algumas pessoas sentadas, com um jeito de quem retorna pra casa. O motorista arranca e um homem de camisa, gravata e paletó, evidentemente muito “fuleiro” na vestimenta, levanta-se e pede a atenção. Diz que tem paralisia infantil, e realmente fala com dificuldades, enrola a língua e não parece bebum. Com uma expressão suplicante, pede que comprem pipoquinhas por R\$1,00, para ele poder sustentar a família, porque não tem trabalho para quem é doente. Silêncio no ônibus, as pessoas olham para as janelas, outras lhe dirigem um olhar desatento, como se ele fosse transparente.

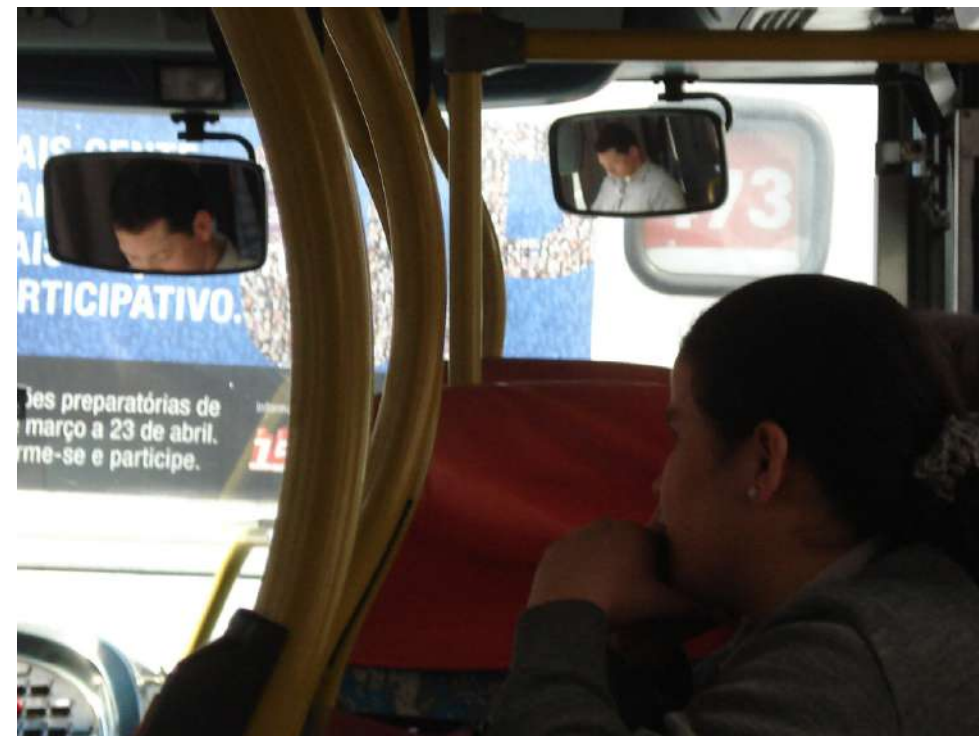
Eu dirijo esse olhar, por um instante o olho nos olhos, desvio e lembro que o via, há uns 2 ou 3 anos atrás, nos ônibus da zona sul, dizendo que tinha AIDS e pedindo ajuda. Lembrei pelo jeito como se humilhava. Quando ele conseguiu convencer um sujeito a comprar pipoca pros filhos, que nem tinham cara de que queriam pipoca, um velho de uns 80 anos, sentado no banco da frente comenta com o motorista algo sobre trabalho, que o miserável tem dinheiro pra gravatinha. O miserável vira para o velho. E o que que tem se eu uso uma gravata de 1,99? Se eu tivesse com uma arma lhe assaltando o senhor não ia reclamar da minha roupa. O velho. Eu tava falando era do meu neto que é cego, surdo e me ajuda. O miserável olha derrotado pro resto dos passageiros, vê que não vai vender mais nada e desce na parada seguinte, não sem antes resmungar que não tem família que cuide dele, que ele é que precisa cuidar dos outros. O velho o encara firme, o coitado desce e o velho segue encarando o miserável que vai ficando pra trás até sumir da visão. O ônibus percorre a Farrapos e os comentários percorrem o ônibus. Vai trabalhar.

Vai cortar grama. Trabalho tem.





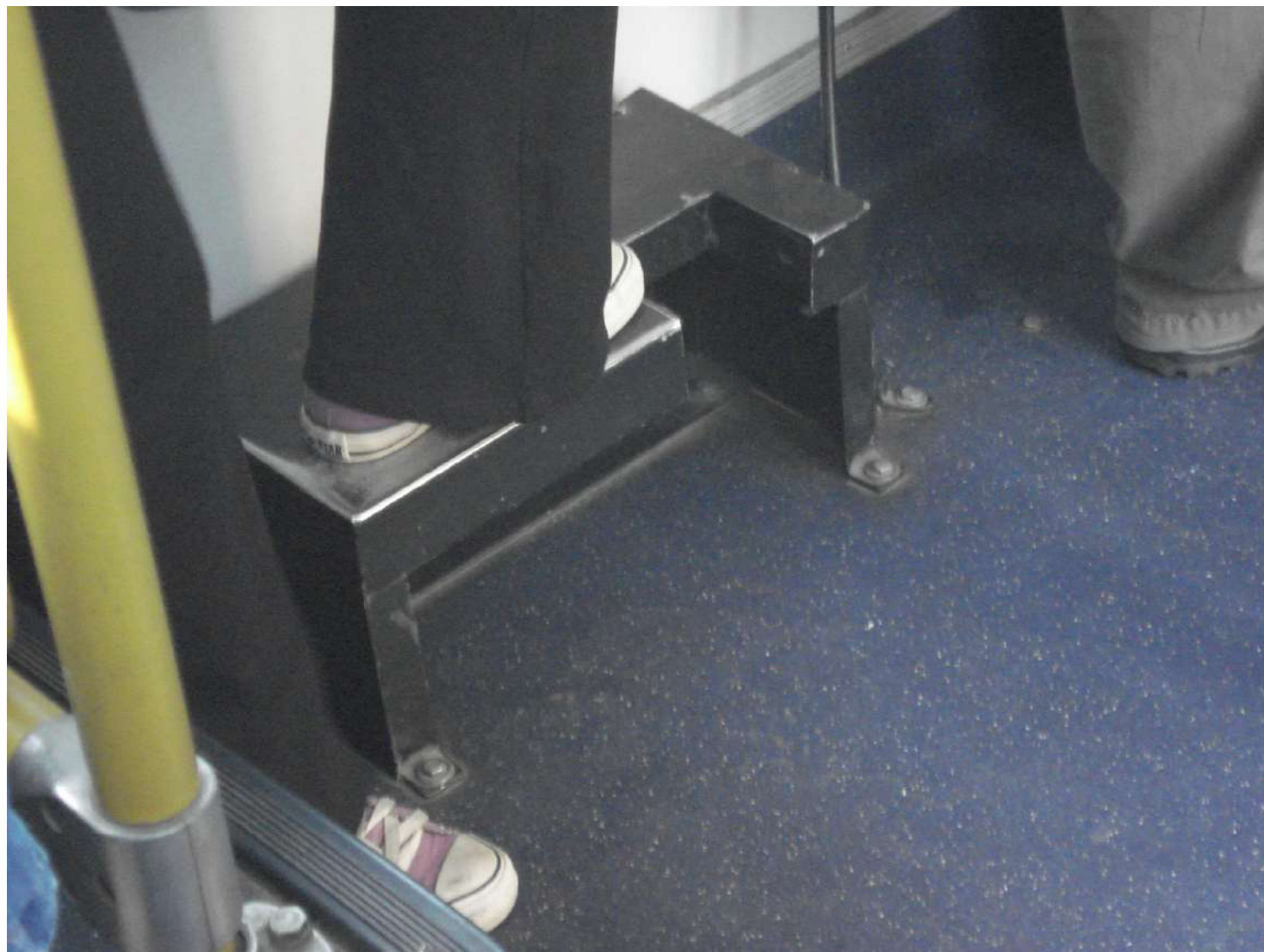




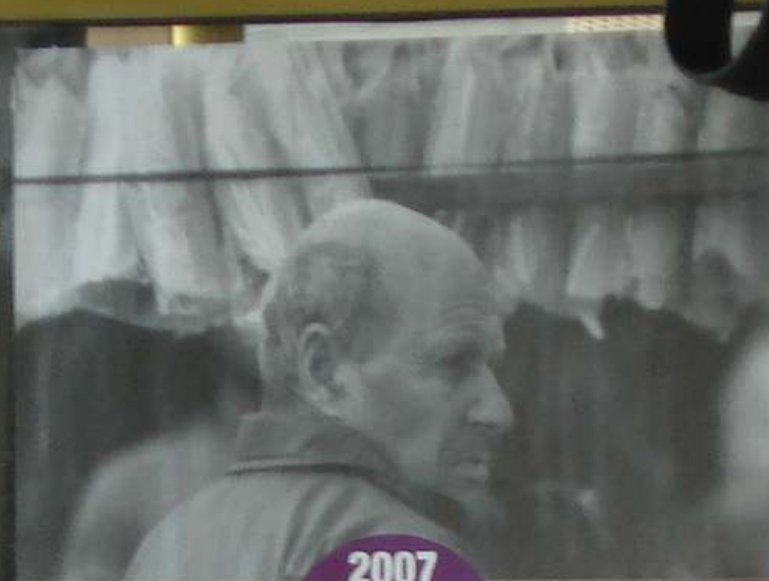












2007

## Histórias de Trabalho

14ª Edição

Histórias Verdadeiras • Histórias Inventadas  
Poesia • História em Quadrinhos e Cartum  
Fotografia • Ensaio Acadêmico

Inscrições gratuitas e abertas ao público

De 21 de junho a 31 de agosto de 2007  
Centro Municipal de Cultura - Érico Veríssimo, 307

Informações:

32898075/32898076

historiastrabalho@smc.poa.rs.gov.br  
[www.portoalegre.rs.gov.br](http://www.portoalegre.rs.gov.br)

Secretaria  
Municipal de  
CULTURA

Prefeitura de  
PORTO  
ALEGRE



# Rua da Praia

**Ano:** 2002  
**Categoria:** Itinerários Urbanos  
**Palavra-chave:** Trabalho Urbano

**Patrícia Rodolpho**

No âmbito do Projeto Integrado “Estudo antropológico de itinerários urbanos, memória coletiva e formas de sociabilidade no meio urbano contemporâneo”, desenvolve-se um etnografia da “Rua da Praia” (Rua dos Andradas/Centro de Porto Alegre. Procura-se contemplar aspectos relativos às diversidades estéticas e éticas que compõem a ambiência desse espaço na atualidade, bem com os atores sociais que vivencial seu cotidiano na Rua da Praia.



























## Trabalho



Refere-se a tudo o que concerne o tempo; tudo aquilo que esta “dentro” do tempo. Diz-se “ritmo temporal” referindo-se aquilo que esta na base dos fenômenos da duração e que é objeto da ação humana contra a dissolução do tempo. A noção de “ritmo temporal” contrasta a idéia de tempo como algo que passa com a do que permanece. Ou seja, refere a mudanças continuadas que são consideradas como continuum e por meio do qual o presente torna-se passado, e vice-versa. Esta expressão, “ritmos temporais”, designa o tempo como fenômeno concebido como uma espécie de trama móvel que engendra os acontecimentos sob os olhos de um observador que se situa no presente.



# **Fazer a feira : das artes de dizer às artes de nutrir, estudo etnográfico das práticas cotidianas de feirantes e fregueses da Feira Livre da EPATUR no contexto da paisagem urban de Porto Alegre**

**Ano:** 2008

**Categoria:** Formas de Sociabilidades

**Palavra-chave:** Trabalho

**Viviane Vedana**

**Resumo:** Esta exposição faz parte de um estudo etnográfico sobre praticas cotidianas de fregueses e feirantes no contexto do mercado livre da EPATUR, em Porto Alegre (RS). O “mercadão da EPATUR”, como é chamada a feira livre, acontece todos os sábados pela manhã no antigo Largo da EPATUR, fronteira entre os bairros Centro e Cidade Baixa. Nas interações e relações que podem ser observadas neste espaço urbano entre “os que compram” e “os que vendem”, o ato de “fazer a feira” encerra uma série de ações e gestos que evidenciam um habitar a cidade específico, constituído nas “arte de nutrir”- trajetos até a feira, escolha de alimentos, sociabilidade — e nas artes de dizer”- jocosidades, performances e jogos corporais para atrair clientes-, respectivamente, como formas de estetizar o espaço da cidade a partir das práticas sociais que conforma este território do bairro Cidade Baixa.

Caminhando “dentro”da feira, percorrendo seus corredores e observando suas bancas enfileiradas que expõem os mais diversos alimentos com um consumidor das imagens da cidade, o olhar do antropólogo percorre a vivacidade deste espaço do mercado livre nutrindo-se de cores, sons, cheiros e formas (e quem sabe também de sabores) que apresentam um cenário peculiar da estética da cidade. Os pequenos encontros, as conversas ligeiras, a cumplicidade entre freguês e feirante como atores deste espetáculo cotidiano evidenciam o caráter afetivo desta apropriação do espaço do bairro na forma de mercado livre, onde o ato de compra envolve mais do que troca de dinheiros por alimentos, incluindo, por intermédio de gestos e palavras, a reciprocidade entre estes atores, evocando as formas simbólicas de produzir o espaço urbano.





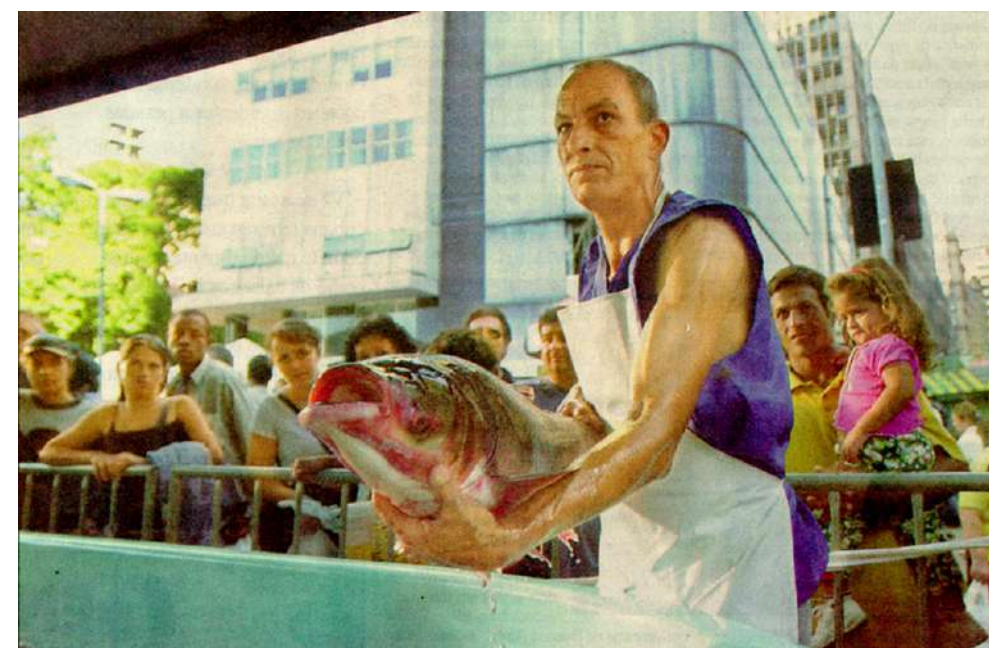






















# Estátua Viva

**Ano:** 2001

**Categoria:** Trabalho

**Palavra-chave:** Gestos

**Neiva Rosa Garcia**

**Resumo:** Este ensaio fotográfico é o resultado de um trabalho realizado na chamada Esquina Democrática” no centro de Porto Alegre/RS no mês de maio de 2000 para a disciplina de Antropologia Visual e da Imagem ministrado pela profa. Cornelia Eckert. Tem como objetivo fotografar alguns momentos da construção do personagem Cowboy com o artista Roberto Pietro Veja. Este ensaio fotográfico recebeu Menção Honrosa no Prêmio Pierre Verger 2002.























# Arte fazer, arte de narrar: Uma etnografia da pintura de paisagem em Porto Alegre.

**Ano:** 2005

**Categoria:** Trabalho

**Palavra-chave:** Técnicas

**Thais Cunegatto**

**Resumo:** Mostra fotografia que acompanha o trabalho de conclusão está inserido numa tríade interdisciplinar que envolve as disciplinas de Antropologia, História e Artes Visuais. Numa discussão acerca das formas expressivas da vida social, encontra-se o tema da pintura de paisagem e a representação pictórica numa trama entre a cidade vivida e a cidade narrada, onde a memória é fio condutor que leva a análise deste trabalho.

Toda uma discussão acerca de o que é etnografia se coloca no momento em que se propõe etnografar a arte. Numa alusão a uma antropologia mais clássica, onde a observação participante se dá como método central de pesquisa de campo e confere solidez ao “estar lá” do pesquisador. Encaro metaforicamente que o meu encontro etnográfico com o mundo da pintura de paisagem se apresentou nas paredes de museus, nos catálogos, nas páginas de livros de reproduções ou nas páginas da Internet, ao deparar-me com as obras de inúmeros artistas que há mais de 100 anos vêm retratando Porto Alegre através de sua arte.

Adentrar, como etnógrafa, o olhar na tela pintada pelo artista, percorrer a visão no interior das figuras representadas, apreciar sua composição interna, fixar o olhar nas delimitações da moldura, traz para a leitura da obra o ato de reconhecer-se na cidade retratada pela mão e pelo gesto do artista, conhecendo uma outra cidade de tempos alhures, sobreposta à cidade presente vivida pelo artista quando da sua criação.

\* \* \*

Dias de sol ou no máximo nublado; dias de chuva, nunca. Os pingos desta afugentam as pessoas e assim o Brique adormece em alguns domingos feito Cinderela aguardando o beijo do príncipe Sol para despertar.

Domingos chuvosos: o mês de setembro foi marcado por eles. A espera do Sol tornou-se um hábito, no sábado já olhava os céus, imaginando o dia que viria. A chuva separou por muito tempo Seu Ennio de seus clientes e, por sua vez, eu de Seu Ennio.

Mas o Sol raiou no mês de outubro e novembro, e as longas tardes de domingos tiveram a passarela do Brique estendida na rua José Bonifácio para que Porto Alegre saísse ao Parque da Redenção para tomar o seu chimarrão, sentar na grama, comprar artesanato, admirar antigüidades, ver teatros de rua e também para quem quiser ver telas de arte...



Conheci Seu Ennio em maio deste ano, com o intuito de encontrar artistas de paisagem caminhava pela cidade a procurá-los. Sabia que o Brique, constituindo-se uma feira de artesanato, poderia abrigar artistas com tal técnica, pois no circuito artístico, tais como exposições e na academia, sabia que não mais encontraria.

Logo na primeira banca, quadros bem abstratos, coloridos, expressão da arte contemporânea, bem como se espera encontrar; a próxima banca segue a mesma linha artística e, ao lado desta uma surpresa: entre hortênsias rosas e azuis, existem quadros de gaúchos montando a cavalo, de homens levando a boiada. Lá estão os quadros das paisagens bucólicas que me lembravam muito a pintura de regionalistas como: Pedro Weingartner ou mesmo José Lutzemberger.

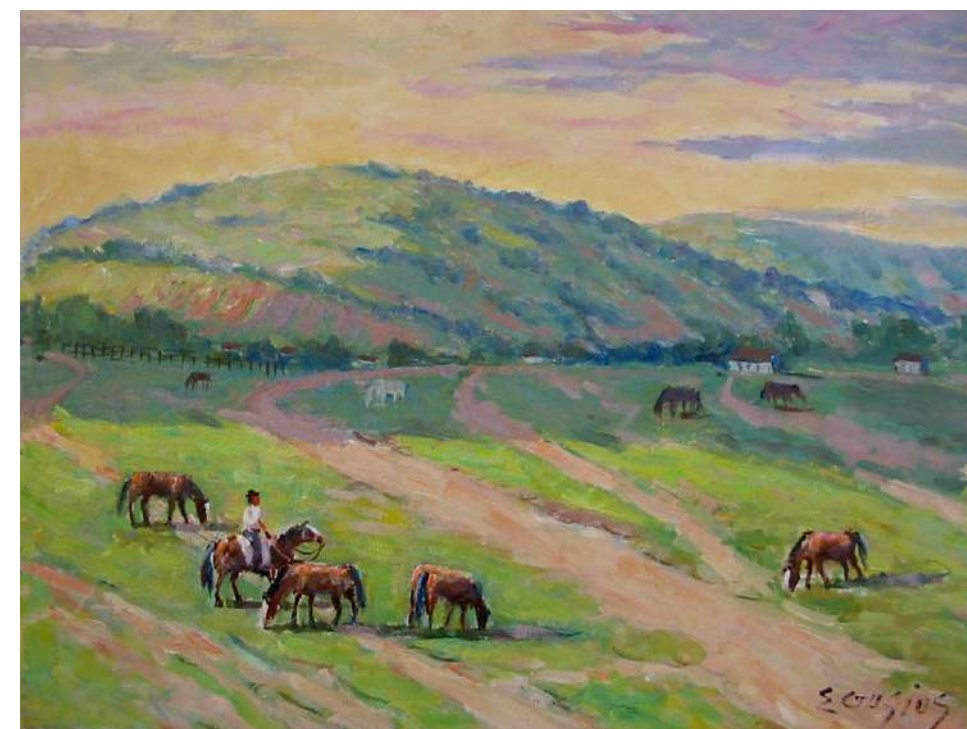
Parei nesta banca, banca 38, e fiquei olhando atentamente para um grande quadro, que retratara um moinho. Perguntei à senhora ao lado quem havia pintado aqueles quadros, e ela me apontou o senhor que estava dentro de uma Brasília marrom. Abaixei-me e vi que era um Senhor já com os cabelos brancos que inscreviam seus 70 anos, semblante cansado, num cochilo sossegado de quem espera o dia passar.

Seu Ennio Crusius. É este senhor com quem venho falando a cada domingo que passa, cujo Sol permite nosso encontro. Ennio Crusius é pintor de paisagem, pinta desde seus 15 anos, imerso no saber — fazer de seu pai, Oscar Crusius, também pintor de paisagem. Ennio familiarizou-se com a pintura e com os pintores que retrataram Porto Alegre. Através de suas narrativas, ele remonta a história das artes plásticas porto-alegrense, nos levando para a sua meninice e para o seu aprendizado na pintura, onde encontramos os formadores do Instituto de Arte, remontando no plano de suas memórias afetivas, no plano da imaginação criadora, este circuito de trocas e aprendizagens do campo artístico.



























## Ritmos Temporais

Refere-se a tudo o que concerne o tempo; tudo aquilo que esta “dentro” do tempo. Diz-se “ritmo temporal” referindo-se aquilo que esta na base dos fenômenos da duração e que é objeto da ação humana contra a dissolução do tempo. A noção de “ritmo temporal” contrasta a idéia de tempo como algo que passa com a do que permanece. Ou seja, refere a mudanças continuadas que são consideradas como continuum e por meio do qual o presente torna-se passado, e vice-versa. Esta expressão, “ritmos temporais”, designa o tempo como fenômeno concebido como uma espécie de trama móvel que engendra os acontecimentos sob os olhos de um observador que se situa no presente.





# Tradição do Bará do Mercado

**Ano:** 2007–2008

**Categoria:** Ritmos Temporais

**Palavra-chave:** Tradição

## Anelise dos Santos Guterres

**Resumo:** Fotoetnografia da pesquisadora Anelise dos Santos Guterres retrata momentos do trabalho de campo que deram origem ao documentário O Bará do Mercado Público: os caminhos invisíveis do negro em Porto Alegre. A fotoetnografia acompanha o itinerário de visita dos filhos e filhas de santo do Babalorixá Baba Dyba de Yemonjá, do Ilê Asé Iyemonjá Omi Olodô, após o período de cumprimento do ritual “das obrigações”, às águas do Guaíba, na área portuária, em saudação aos orixás “de praia”, antes da visita ao Mercado público, para saudar o Bará, no caso em honra a memória dos descendentes do povos africanos de Porto Alegre. O documentário A Tradição do Bará do Mercado traz os relatos de 7 religiosos de matriz africana sobre o fundamento afro-religioso chamado O Bará do Mercado Público, a partir dos percursos e experiências urbanas desses negros na cidade de Porto Alegre. Os entrevistados: Adãozinho do Bará, Mãe Norinha de Oxalá, Mestre Borel, Mãe Maria de Oxum, Mãe Angélica de Oxum, Pai Nilsom de Oxum, Baba Diba de Iemanjá integram a CEDRAB — Congregação em Defesa das Religiões Afro-brasileiras — fundada em 2004 por Mãe Norinha de Oxalá grande idealizadora do projeto. Buscando tornar mais conhecida uma antiga tradição cuja manifestação concreta

são os rituais e práticas realizados pelos religiosos de matriz africana no interior e arredores do Mercado Público o documentário busca a construção de uma narrativa que permita ao espectador um passeio no tempo e nas transformações da cidade de Porto Alegre, do ponto de vista dos negros. Conforme a tradição, no centro do Mercado, no meio da encruzilhada que o funda está “assentado” o Orixá Bará — entidade responsável pela abertura dos caminhos e pela fartura. Uma tradição que remonta o Mercado como um espaço de reconhecimento e reivindicação da população afro-descendente e da cultura negra da cidade de Porto Alegre. O documentário integra o projeto “Os Caminhos Invisíveis do Negro em Porto Alegre: A Tradição do Bará do Mercado” patrocinado pela Petrobrás através da Lei Federal de Incentivo a Cultura.































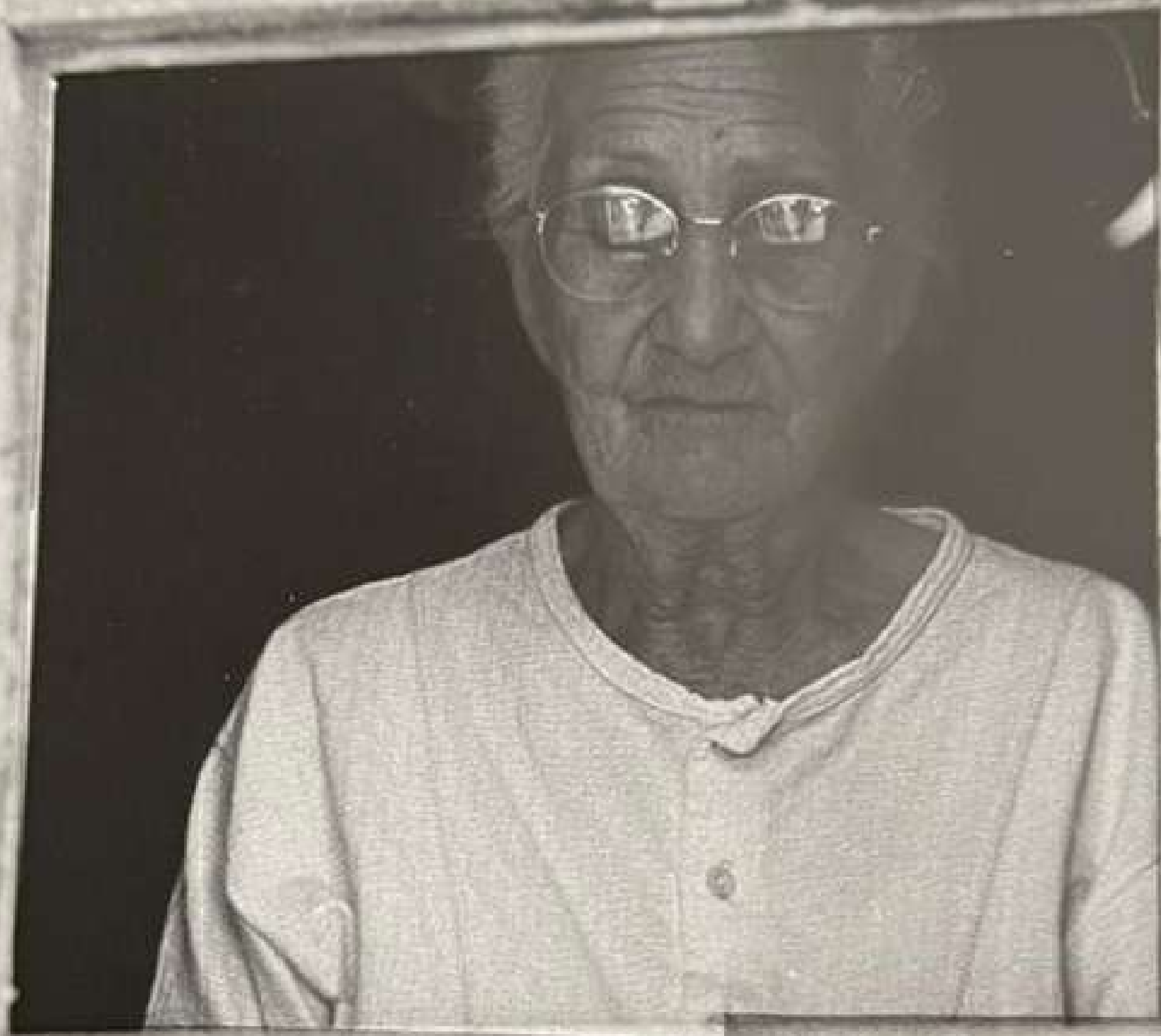
# Vó Santa

**Ano:** 2000  
**Categoria:** Ritmos Temporais  
**Palavra-chave:** Velhice

**Felipe Stela**

**Resumo:** A fotoetnografia retrata ao cotidiano de Vó Nair, e resultou de um exercício realizado durante uma Oficina do Núcleo de Antropologia Visual, coordenadora, na época, pela Profa. Cornelia Ekcert. Vó Santa, e cuja morada situava-se no bairro Vila São José, limites com o bairro Partenon, zona leste da capital Gaúcha. A fotoetnografia retrata alguns aspectos da morada de Vó Nair, no interior de um bairro oriundo de uma ocupação urbana desordenada e sem planejamento que apresentava, na ocasião, ocupações irregulares, e que colocava seus moradores em situação de vulnerabilidade e de risco. Vó foi uma das protagonistas do documentário Cidade Sitiada, seus fantasmas e medos, que abordou a estética das feições da crise e do medo que envolvem o viver a cidade, explorando territórios de proteção e de evitação de diferentes grupos urbanos em Porto Alegre/RS.



















## Cine Baltimore

**Ano:**

**Categoria:** Ritmos Temporais

**Palavra-chave:** Ruínas























# Ruínas do Trabalho

**Ano:**

**Categoria:** Ritmos Temporais

**Palavra-chave:** Trajetórias de Trabalho

**Bianca Brochier**

Este ensaio surgiu como um exercício de narrativas fotográficas desenvolvido no âmbito de minha pesquisa de iniciação científica, no BIEV. O objeto dessa pesquisa era a memória do trabalho no bairro Passo D' areia e Cristo Redentor. Bairros com grande concentração de complexos industriais na década de 1950. As Tintas Renner (bem como outros setores de fabricação das indústrias Renner) estão inseridas no fluxo migratório e expansivo dessa região, que em conjunto a outras áreas da cidade era chamada de 4º Distrito. Hoje, as ruínas da fábrica de tintas Renner emergem em meio a uma paisagem distinta da de sua formação, sendo rodeada por um grande centro comercial, o qual inclui dois shoppings centers. Há dois fatores incisivos para que ela não fique despercebida em seu lugar: primeiro o fato de o terreno que ela ocupa ser metade de uma quadra e segundo o próprio fato de ser uma ruína. Segundo Simmel a ruína possui um poder sedutor no ser humano, pois ela representa uma obra do espírito, que criada pelo homem, estaria tomada pela ação da natureza. No momento em que a vegetação cresce e a tinta das paredes adquire rachaduras, não nos tornamos sujeitos ativos mediante a situação, não destruímos, deixamos ruir. É a tentativa de deixarmos nos unir com a natureza, segundo o autor. Fotografar e observar estes pedaços do tempo, que a princípio parecem parados, é uma experiência emocional que remete aos mais profundos sentimentos do ser. Também remete à imaginação, ativando nossas memórias de maneira a qual damos alguma face ao que nos é colocado como estático: como eram as estruturas dentro da fábrica? Como os trabalhadores chegavam, entravam e faziam suas atividades naquele espaço?

























H. P. Feirchild, Diccionario de sociología (México, FCE, 1949) — “Toda interrupção do curso regular e previsível dos acontecimentos”. As crises sociais não são necessariamente disfunções, já que podem ser importantes fatores de mudança. (Durkheim, Emile. El Suicidio. Buenos Aires, Schapire, 1965, p. 192). Passagem brutal e inesperada a uma situação difícil, muitas vezes perigosa, por um individuo, uma organização, um corpo social, um sistema econômico, um país. No caso de uma organização a crise pode se manifestar pela degradação brusca da situação da empresa, de uma unidade de trabalho ou uma situação aberta de conflito entre pessoas. Por extensão, a palavra “crise” designa uma degradação brusca de situação e pode ser aplicada a um desequilíbrio mais ou menos durável num país ou numa organização. Crise pode igualmente referir-se a uma perturbação grave e de longa duração. As principais manifestações de uma crise econômica, por exemplo, são a queda brusca da produção, o fechamento de empresas, o desemprego, a baixa das transações econômicas, etc.



# Vila dos Papeleiros

**Ano:** 2004

**Categoria:** Crise

**Palavra-chave:** Pobreza

Cornelia Eckert



























## “A praça é nossa?”

**Ano:** 1993

**Categoria:** Crise

**Palavra-chave:** Crise existencial

**Thais Cunegatto**

**Resumo:** Mostra foi elaborada para 39a Feira do Livro 1993. As entrevistas foram efetuadas com as pessoas que vivem a Praça e são direta e indiretamente afetadas pela Feira do Livro.

A Praça da Alfândega é um dos cartões de visita de Porto Alegre. Sempre foi”. Esta fala é de um homem de 80 anos, aposentado. Como ele, várias outras pessoas foram ouvidas, outras tantas fotografadas. Fala e imagens. Grupos, anônimos... Os frequentadores da Praça da Alfândega, que nela vivem ou dela vivem; suas vozes, seus pés, seus contornos.

Esta praça é um mundo, aqui tudo acontece, nos informa outros. Fascinante e desconhecido mundo, aparentemente tão familiar e próximo. A medida que dele nos aproximamos, várias realidades foram-nos sendo apresentadas. A dinâmica da Praça, seus espaços, seus ocupantes, suas verdades... Nosso próprio olhar modificou-se, passou dos rostos para os corpos; a individualidade cedeu lugar aos grupos, que se reconhecem entre si enquanto ocupantes deste mundo.

Por intermédio da PROEXT/UFRGD, deixamos por instantes nossas monografias... A concretude da linguagem visual e gráfica coloca-nos na Praça, no espaço e no tempo da Feira do Livro. A expectativa da resposta direta da comunidade qualifica ainda mais nosso trabalho, e nos fornece subsídios para uma continuidade deste...

De momento, expomos a Praça à reflexão, conjuntamente. Esperamos que a experiência, por nós vivenciada, possa ser ampliada, e que as distâncias entre estes olhares possam se reduzir. Afinal a Praça é nossa...”



































# Uma “ilha assombrada” na cidade

**Ano:** 2001

**Categoria:** Crise

**Palavra-chave:** Formas de habitação

**Rafael Victorino Devos**

**Resumo:** Estudo etnográfico sobre cotidiano e memória coletiva a partir das narrativas dos antigos moradores da Ilha Grande dos Marinheiros, Porto Alegre/RS.

Montagem: Rafael Victorino Devos, Magdalena Toledo, Gianpaolo Adomilli, Cornelia Eckert

Sinopse: “O que é da água, ela quer” ... “Aguinha assim tem todo ano”. ENCHEEEEEENTE tinha antigamente...”. Ilha Grande dos Marinheiros, Porto Alegre, setembro de 2001. Ensaio fotográfico que apresenta imagens produzidas durante a pesquisa de campo na Ilha Grande dos Marinheiros, Porto Alegre. A pesquisa tratou do tema de cotidiano e memória a partir das narrativas de antigos moradores da ilha. Neste ensaio, tematizada uma duração contrato nos ritmos cotidianos desta comunidade, as enchentes dos rios que compõem o Delta do Jacuí, e que praticamente todo o ano inundam o solo alagadiço das ilhas.

O Parque Estadual Delta do Jacuí, reserva natural, criado em 1976, abrange um conjunto de ilhas e terras continentais alagadiças numa área de aproximadamente 60 km<sup>2</sup> na região metropolitana de Porto Alegre. Muitas dessas ilhas pertencem igualmente a um bairro da cidade, o Bairro Arquipélago, sendo que as ilhas com maior densidade populacional, Ilha da Pintada, Ilha Grande dos Marinheiros, Ilha das Flores e Ilha do Pavão encontram-se a poucos quilômetros do centro de Porto Alegre. Sua ocupação por famílias de pescadores, barqueiros, marinheiros, pequenos agricultores, carroceiros (e num passado mítico, índios e escravos fugidos) remonta a práticas tradicionais e atividades ligadas a navegação, num recente passado de apogeu da econômica fluvial no estado do Rio Grande do Sul.

No entanto, no atual contexto urbano-industrial da cidade, as ilhas ocupam o lugar de periferia, vila de classe popular de baixíssima renda, ao serem ocupadas também por pessoas oriundas de periferias do interior do estado e da capital, graças ao fácil acesso ao centro da cidade pelas pontes que ligam, através das ilhas, Porto Alegre à região sul do Rio Grande do Sul. Algumas ilhas, ainda, como a ilha das Flores, tem grande parte de suas margens ocupadas por mansões. Já na Ilha Grande dos Marinheiros muitos dos moradores são pessoas de baixa renda, em que o trabalho com o lixo reciclável, atividade de muitos moradores, ganha destaque.



























ACESSE EM [MEDIUM.COM/FOTOCRONOGRAFIAS](https://medium.com/fotocronografias)

ACERVOS BIEV

# foto *crono* grafias

EDIÇÃO  
ESPECIAL